

Fim-de-Semana

ENGENHEIRO PEDRO BEIRÃO

Teletrabalho e seus contornos

Pedro Beirão é o director-geral da empresa Appy Saúde e fala-nos do teletrabalho a partir da experiência acumulada na sua empresa, uma das pioneiras nessa especialidade em Angola. Preocupações com a auto-disciplina, a capacidade de cumprir prazos ou de o ambiente doméstico ser ou não propício ao trabalho são aqui afloradas

PEDRO BEIRÃO, DIRECTOR-GERAL DA APPY SAÚDE

“Teletrabalho desafia os funcionários e as empresas”

Nesse ambiente global de restrições de movimentos e de distanciamento e isolamento social obrigatórios, por causa da Covid-19, empresas e outras organizações recorrem ao teletrabalho para continuarem a funcionar. Essa é uma das adaptações rápidas que prometem instalar-se no cenário laboral e permanecer no pós Covid-19. Mas para algumas empresas isso já vem lá de trás. É o caso da Appy Saúde, uma startup do sector tecnológico, porventura um dos pioneiros do teletrabalho em Angola. O engenheiro Pedro Beirão é o seu director-geral e ele fala-nos do teletrabalho a partir da experiência acumulada na sua empresa



Isaquiel Cori

A Appy Saúde é um dos pioneiros do teletrabalho em Angola. Como definiria teletrabalho?

Na Appy Saúde damos a oportunidade a alguns colaboradores residentes em Angola de trabalharem sem ser necessário deslocarem-se até ao escritório. Esses podem realizar as suas tarefas a partir de casa. Além disso, trabalhamos com pessoas de várias partes do Mundo, e com algumas nunca estivemos pessoalmente. Eis um excelente exemplo de teletrabalho.

Esta forma de trabalho é exercida à distância de forma autónoma, utilizando ferramentas de comunicação e de informação remotas que asseguram um contacto directo entre o teletrabalhador e a Appy. Não sabemos se somos pioneiros, mas traba-

lhamos com este método desde o início da empresa. E em diversas áreas, desde a programação até ao mapeamento.

Já há muito se falava, entre nós, de teletrabalho, mas ao que parece havia uma resistência das empresas e outras organizações, supostamente, por causa da dificuldade de controlar e avaliar o trabalhador. Como é que se pode contornar isso?

É perfeitamente normal que as empresas tenham preocupações com os funcionários em teletrabalho. A Appy Saúde também teve as suas. Preocupações com a auto-disciplina, preocupações com a capacidade de cumprir prazos ou preocupações de que o ambiente doméstico não seja propício ao trabalho. Mas estas preocupações podem ser colmatadas com

avaliações frequentes, até percebermos se os resultados correspondem às expectativas. Na Appy Saúde avaliamos a produtividade: se as tarefas são concluídas e se os prazos são cumpridos. A qualidade: se existe alguma diferença na qualidade do trabalho em relação aos trabalhadores que frequentam o escritório. A comunicação: se existiram problemas de comunicação com o teletrabalhador. E se o teletrabalhador retornou as mensagens em tempo hábil. A tecnologia: se o teletrabalhador consegue trabalhar com as ferramentas de trabalho e de comunicação. O ambiente de trabalho: se o teletrabalhador consegue criar um ambiente de trabalho relativamente livre de distrações e que permita o contacto sempre que necessário. Hábitos de trabalho: se o teletrabalhador

estabeleceu uma rotina produtiva de trabalho. Interação com a equipa: se o teletrabalhador consegue se comunicar, efectivamente, com os colegas de trabalho.

A adopção dessa prática é para manter e generalizar, quando essa crise da covid-19 passar?

Toda a equipa da Appy Saúde continua a trabalhar a partir de casa. Continuamos a realizar reservas de medicamentos e a entregar produtos das farmácias. Nesta fase atendemos vários pedidos, ajudando as pessoas a não andarem de farmácia em farmácia e algumas até, com as nossas entregas, nem precisam de sair de casa.

A equipa que antes da crise já trabalhava em teletrabalho neste momento permanece a trabalhar com o mesmo método. E permanecerá após a crise.

Quais são os grandes obstáculos à massificação do teletrabalho?

Com o Estado de Emergência adaptamos o teletrabalho para todas as áreas, continuamos a atender a todos os pedidos e a prestar serviços que ajudam as pessoas a cumprir as regras de isolamento social, mas claro que existem também desafios tanto para o funcionário como para a empresa, como o desempenho, produtividade e conectividade de internet.

Em termos práticos e concretos, como é que o teletrabalho se processa na vossa empresa?

Usamos várias ferramentas na nuvem. Todos os processos e documentos são digitalizados e desenvolvidos a pensar em como trabalhar e aceder aos mesmos remotamente. Isto faz com que seja possível que toda a equipa

desenvolva o seu trabalho remotamente, da mesma maneira que o faria presencialmente. As reuniões virtuais são uma realidade diária, não apenas agora durante a quarentena.

Acredita que o nível de info-inclusão, entre a população angolana, já é capaz de propiciar grandes negócios na internet e através da internet?

Sim. Temos cada vez melhores serviços e conectividade de internet. E o número de pessoas que utilizam a internet aumenta significativamente, de ano para ano. Isso são indicadores de que a população está cada vez mais integrada no mundo digital. Acreditamos que o acesso à internet deve ser democratizado e acessível a cada vez mais cidadãos em Angola. Se olharmos para a evolução deste sector, nos últimos 10 anos, verificamos que o crescimento foi notável. A velocidade aumentou, o preço da internet baixou e cada vez mais pessoas têm acesso. Contudo, é necessário continuar a investir na extensão de infra-estruturas e na melhoria dos serviços de telecomunicações.

Pessoalmente também depositava enorme expectativa no Angosat?

Para o nosso negócio o mais importante é a conectividade de internet. E temos no nosso país outros meios que são capazes de canalizar e assegurar as comunicações.

Esteve recentemente no Ruanda. Pode falar-nos dos contactos que lá estabeleceu?

Lançámos, recentemente, a Appy Saúde no Ruanda, que começou com a reserva de medicamentos em farmácias de Kigali. O utilizador pode ver na plataforma os produtos disponíveis na farmácia online, reservar e pagar através da Appy Saúde. Somos a única plataforma a fornecer este tipo de serviço naquele país. Esperamos continuar a crescer, a nível de utilizadores e de farmácias, no Ruanda.

Melhor de África

A Appy Saúde desenvolveu a aplicação que disponibiliza contactos de farmácias e clínicas e propicia a marcação de consultas médicas e a adesão ao seguro de saúde. Através dela é possível receber em casa os produtos farmacêuticos não sujeitos a receita médica.

Depois de muito bem referenciado na Web Summit, evento tecnológico global realizado em Lisboa, o aplicativo Appy Saúde foi distinguido, em Novembro de 2019, no evento AppsAfrica Awards, na África do Sul, com o prémio "Melhor Aplicativo de África". O AppsAfrica Awards promove e premeia os melhores serviços móveis e de tecnologia lançados em todo o continente, tanto por empresas maduras como por startups. Na edição do ano passado, a quinta, participaram no certame aplicativos oriundos de 52 países.



NOME
Pedro Beirão

Sócio fundador e director-geral da AppySaúde, tem uma vasta experiência nas áreas de tecnologia e telecomunicações. Antes de optar pela criação da sua própria empresa trabalhou como Solution Manager

na Huawei Technologies e como Supervisor de Engenharia na Net One. Foi ainda gestor de projectos de telecomunicações na TOTAL E&P Angola

GRADUAÇÃO
Licenciado em Gestão de Empresas na Universidade Católica de Lisboa e em

Engenharia de Telecomunicações na Universidade de Montpellier II, França.

Pós-graduação em Gestão de Empresas pela Universidade Católica de Lisboa

Mestrado em Óptica Electrónica e Micro-Ondas pela Universidade de Montpellier II.

SARAH MALDOROR (1929-2020)

TV Zimbo revisita filme “Sambizanga”

Na quinta-feira à noite a TV Zimbo deu a ver aos seus telespectadores o filme de Sarah Maldoror, “Sambizanga”, realizado em 1972. Muita coisa há a dizer sobre este filme, baseado no romance de Luandino Vieira “A Vida Verdadeira de Domingos Xavier”, escrito na cadeia, em 1961, quando já tinham ocorrido os acontecimentos do 4 de Fevereiro, em Luanda, e de Março no Norte do país

Isaquiél Cori

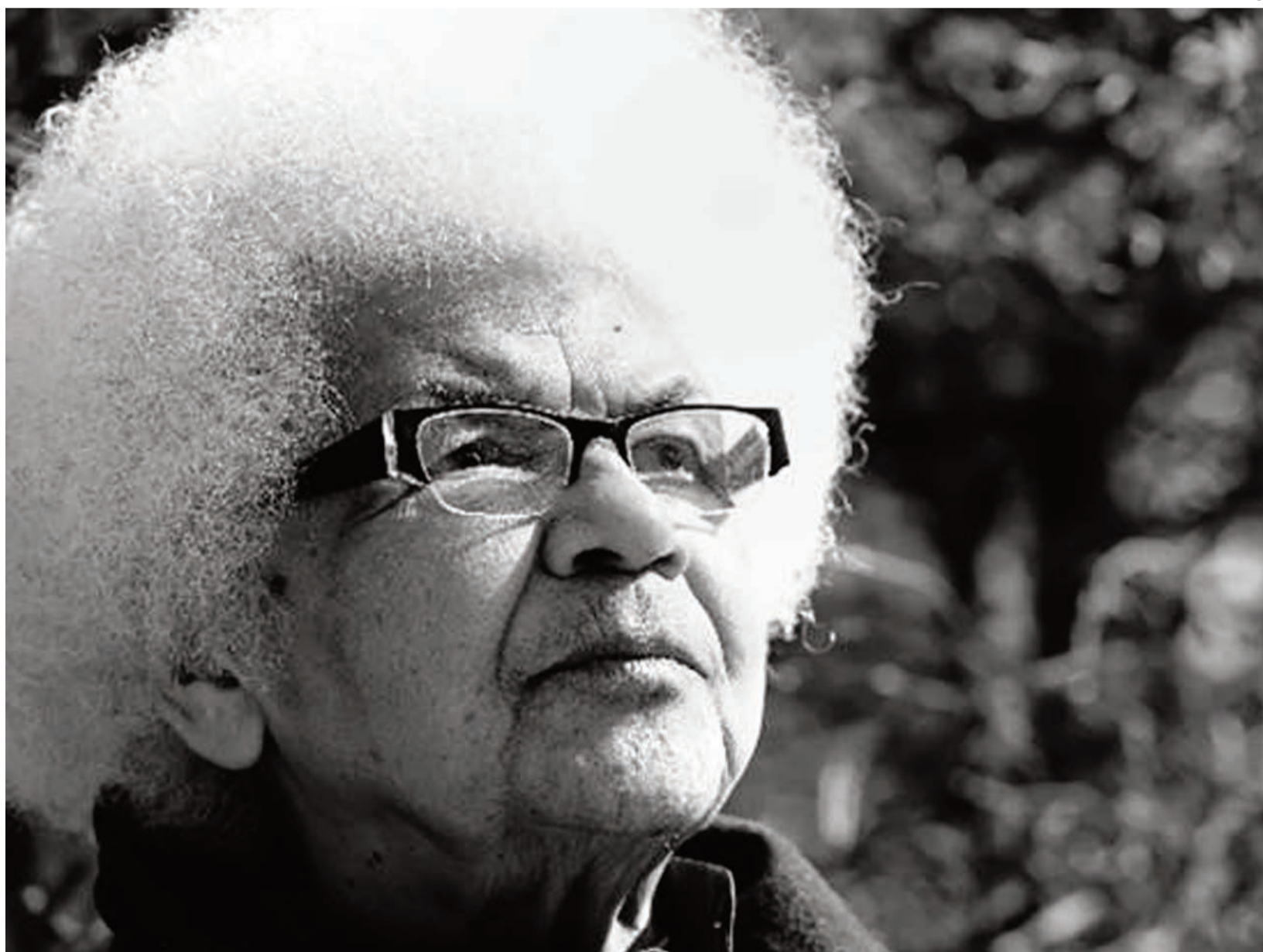
O argumento de “Sambizanga”, assinado por Mário Pinto de Andrade, que já traduzira o romance de Luandino para francês, e o jornalista e escritor francês Maurice Pons, segue as linhas gerais da acção do romance.

A trama é dividida em três linhas narrativas que não se cruzam: a tortura e morte do tractorista Domingos Xavier, acusado de pertencer a um grupo nacionalista, anti-colonial (uma referência ao MPLA), a busca da esposa Maria pelo companheiro em diferentes prisões de Luanda e a organização clandestina que tenta identificar o preso para salvá-lo.

A primeira linha narrativa apresenta ao espectador a brutalidade da polícia política colonial (PIDE) e a resistência de Domingos Xavier, que se recusa a denunciar os seus companheiros; a trajectória de Maria em busca da localização do marido, do Dondo a Luanda, é marcada pelo descaso das autoridades oficiais e pela solidariedade dos homens e mulheres pobres dos povoados; já o registo das acções da organização clandestina enfatizam as palavras de ordem dos nacionalistas e a rede de contactos clandestinos. Por fim, Domingos Xavier morre sob tortura, a esposa Maria desaba aos prantos, sendo consolada por outras mulheres, ao mesmo tempo que os membros da célula clandestina do MPLA, liderados por Mussunda, celebram a recitação de caráter de Xavier, por não os ter denunciado, e entendem que a melhor maneira de o homenagear era dando continuidade à festa abrilhantada pelos Ngola Ritmos. No romance, esse final, aliás toda a narrativa de Luandino Vieira, possui uma enorme carga poética e um apelo à luta que calou bem fundo nas consciências dos leitores imbuídos de fervor revolucionário, tanto antes da independência como depois.

Repercussões do filme

Segundo o pesquisador brasileiro Alessandro de Sousa Silva, “acostumados com filmografias didáticas produzidas por cineastas engajados(as) do ‘terceiro mundo’, críticos de cinema e militantes políticos refu-



taram a beleza da atriz principal, Elisa Andrade (...) e a ‘ambiguidade política’ de ‘Sambizanga’, que não privilegiou a organização da guerrilha contra o colonialismo, o que foi visto como um ‘defeito’ da factura política da obra. Outras leituras enfatizaram o processo de ‘conscientização revolucionária’ da personagem Maria, que, no entanto, desaparece de cena após a confirmação da morte do companheiro”.

Luandino Vieira, em carta a Mário Pinto de Andrade, em 1973, elogia o filme, baseado na repercussão que teve nos meios especializados (então estava preso no Tarrafal):

“A profunda compreensão desse fenómeno de ‘paciência’ revolucionária é - sei-o - um pouco difícil para as esquerdas europeias que têm sempre tendência a ver nos

revolucionários do dito 3º mundo essa agitação e acção intempestiva e heróica (o herói a morrer de metralhadora na mão é o único que concebem) de que só têm já a nostalgia. (...) Por isso a minha grande alegria por ler as declarações de Sara, a sua coragem de ir contra o clichê que (ainda) nos querem impor da realidade que nós conhecemos” (Vieira apud Piçarra, 2017, p. 25).

Rodado no Congo-Brazzaville

A longa-metragem “Sambizanga” foi realizada no Congo-Brazzaville, com o governo dando suporte às filmagens, cedendo carros, camiões, helicópteros, canteiros de obra, prisão, etc.

Jacques Poitrenaud interpretou o papel de torturador. Sarah Maldoror recrutou actores e atrizes

amadores do Congo e exilados(as) de Angola, muitos(as) dos(as) quais falaram em idiomas locais, como o lingala e o lari. Elisa Andrade, a economista ligada ao PAIGC que vivia na Argélia, encarnou a esposa Maria. Militantes do MPLA encenaram os seus próprios papéis políticos, como Manuel Videira (le chef de brigade), Tala Ngongo (Miguel) e Lopes Rodrigues (Mussunda). O pequeno Adelino Nelumba, interpretando o personagem Zito, era órfão de guerra. Também do MPLA, Domingos Oliveira, que encarnou Domingos Xavier, era de facto tractorista no Norte de Angola, antes de passar a viver no Congo. A equipa técnica do filme era, predominantemente, francesa. Aliás, da França veio parte do orçamento para a reali-

zação da obra. A trilha musical, que tem um papel narrativo de grande importância no filme, foi creditada ao grupo vocal Les Ombres, comandado pela voz de Ana Wilson, além de canções do grupo musical Ngola Ritmos.

A divulgação da película apostou na exploração da imagem de Domingos Xavier sacrificado, apesar do maior protagonismo que as mulheres, sobretudo Maria, têm no filme, que ganhou, em 1972, o prémio Tanit de Ouro no IV Festival de Cartago e outra premiação no IV Festival de Ouagadougou. No entanto, em Portugal, o filme foi censurado, tendo a estreia sido adiada para Outubro de 1974, uma vez que as autoridades argumentaram que pretendiam “impedir manobras da reacção e por constituir propaganda de um dos

movimentos emancipalistas, ainda em guerra”.

Em Angola, o filme sofreu uma série de retaliações, conforme entrevista de Luandino Vieira à revista Cine Cubano. Chegaram a ocorrer, entre Maio e Junho de 1975, em Luanda, agressões entre espectadores que assistiram ao filme. Diante do ocorrido, afirmou o escritor, “decidimos que o filme fica reservado para mais tarde, quando depois de algum tempo se possa esclarecer ao espectador, pela própria dinâmica do processo e a educação cinematográfica” [tradução livre do espanhol] (Vieira apud Lopez Pego, 1979, p. 163). A película fora exibida em Angola em círculos restritos de projecção, como encontros de movimentos sociais e de militantes do MPLA, sendo proibido nas salas de cinema.

DR

Percurso pan-africanista

Falecida aos 91 anos, na capital francesa, a cineasta Sarah Maldoror era conhecida em Angola, sobretudo, por ter realizado os filmes “Monangambé” (1969) e “Sambizanga” (1972) e por ser a viúva de Mário Pinto de Andrade, primeiro presidente do MPLA. Mas é preciso dizer que a sua obra cinematográfica é muito mais vasta e que o seu percurso de vida caracterizou-se pelo engajamento nas causas da libertação de África e da emancipação da mulher. Num texto divulgado pela família, logo após a sua morte, Maldoror é exaltada como “pioneira do cinema pan-africano”. E de facto o foi.

Sarah Ducados nasceu em Guadalupe, em 1939, e recuperou do fantástico livro Os Cantos de Maldoror, de Lautréamont, o seu apelido-pseudónimo, Sarah Maldoror. Filha de mãe francesa e de pai das Antilhas, o seu nome aparece sempre ligado a nomes do cinema africano, como Souleymane Cissé, Med Homdo, Safi Faye e Kwah Ansah, que nos mostram que não existe uma forma particular de fazer

cinema em África, mas sim uma diversidade de filmes, narrativas e estilos. Foi, em 1956, uma das fundadoras, em Paris, do grupo de teatro Les Griottes, que promovia a negritude através de adaptações do filósofo existencialista Sartre e do poeta antilhano Aimé Césaire. Estudou cinema em Moscovo (1961-62), no Studio Gorki, onde conheceu Sembene Ousmane, que viria a ser um dos grandes do cinema africano. Foi assistente de Gillo Pontecorvo no emblemático filme Batalha de Argel (1965), que ganhou o Leão de Ouro em 1966.

Sarah Maldoror definia-se como tendo um papel cultural na sétima arte, fazendo pesquisa cinematográfica sobre a História africana. “A História tem sido escrita por outros e não por nós”, disse numa entrevista a Beti Ellerson, em 1997. “Se eu não me interesse pela minha própria história, quem vai se interessar? Eu acho que é necessário defendermos a nossa própria história, e que a tornemos conhecida - com todas as nossas qualidades e defeitos, nossas esperanças e desesperanças”.



Homenageada em Angola

Em Novembro de 2008 Sarah Maldoror foi homenageada pela organização do primeiro Festival Internacional de Cinema de Luanda (FICLuanda), então capitaneada pelo actor Miguel Hurst, “pelo contributo prestado ao cinema angolano desde a década de 1970, principalmente com o filme “Sambizanga””. Emocionada, a cineasta recebeu o Troféu Homenagem das mãos da então ministra da Cultura, Rosa Cruz e Silva.

“O cinema é um meio de cultura. Se quisermos que os nossos filhos leiam e se eduquem, temos que fazer cinema”, disse Maldoror. “É graças à cultura que eraremos erradicar o medo e fazer com que os miúdos sem trabalho se sintam integrados na sociedade, nesse caminho de paz”, acrescentou, revelando que era a terceira vez que vinha a Angola.

FONTES:

SOUSA E SILVA, Alexandre de, “Sarah Maldoror: uma cineasta na diáspora”, *www.revistas.usp.br*, São Paulo, n. 123, Outubro/Novembro/Dezembro 2019.

LANÇA, Marta, “Sarah Maldoror - A realizadora de Guadalupe firma-se na história do cinema africano”, *site Rede Angola*.

ANGOP, “Organização do FICLuanda homenageia Sarah Maldoror”, 22/11/2008.





BENTO XVI E FRANCISCO

Os Papas que “cambiarão” o cadeirão máximo do Vaticano

São passados sete anos desde que Bento XVI decidiu renunciar ao Papado. A intenção foi manifestada no dia 11 de Fevereiro de 2013, na Sala del Concistoro do Palácio Apóstolico, numa reunião, de manhã, que coincidiu com o Dia Mundial do Doente

César Esteves

O encontro seria para anunciar a data da canonização de três mártires católicos: António Primaldo e companheiros, Laura Montoya Upegui e Maria Guadalupe Garcia Zavala, mas Bento XVI aproveitou o ensejo para informar aos presentes que iria renunciar ao Papado.

A decisão veio a efectivar-se, a seu pedido, apenas no dia 28 de Fevereiro do mesmo ano. Bento XVI apontou falta de força, devido à idade, para desempenhar as funções, como a causa principal que o levou a tomar a decisão.

“Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino”, consta da sua declaração de renúncia.

A notícia da renúncia de Bento XVI, eleito Papa num dia como hoje (19 de Abril de 2005), apanhou milhares de fiéis católicos desprevenidos.

Embora o Sumo Pontífice tenha apontado falta de força, devido à idade, para renunciar ao cargo, para muitos, sobretudo estudiosos em assuntos religiosos, a razão oficial continua um verdadeiro mistério.

Num documentário intitulado “O Papa do fim do mundo”, referindo-se ao actual Papa, emitido pelo canal “História”, especialistas em questões religiosas apresentam outras versões que entendem estar na base da renúncia de Bento XVI.

Para os académicos, Bento XVI evitou viver uma velhice de muito sofrimento, como aconteceu com João Paulo II.

Por outro lado, acrescentam, a decisão para renúncia terá resultado, também, das


crises que se haviam multiplicado dentro da Igreja, como a crise com o mundo Islâmico, Hebreu, da Ciência e até o vazamento de documentos, muitos dos quais mostrando uma Cúria dividida, corrupção e falta de transparência dentro do Banco do Vaticano.

Segundo relatos históricos, a igreja não registava, desde Gregório XII, isto é, em 1415, um Papa que renunciasse.

Chegada ao poder

A chegada de Bento XVI ao cadeirão máximo do Vaticano resultou de um gesto praticado pelo actual Papa Francisco, seu concorrente directo no conclave que o elegeu Sumo Pontífice.

Com a notícia da morte de João Paulo II, no dia 2 de Abril de 2005, os católicos acabavam de ficar sem o seu líder espiritual. Com isso, um novo Papa teria de ser eleito. Em 18 de Abril de 2005, o conclave


“Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino”

para eleger o novo Papa é convocado e 115 cardeais de todo o mundo são trancados dentro da Capela Sistina, situada dentro do Vaticano e famosa pela sua arquitectura inspirada no Templo de Salomão do Antigo Testamento.

Ela é igualmente conhecida mundialmente por causa do extenso afresco de Michel Angelo no seu tecto. O trabalho foi feito a pedido do Papa Júlio II e é considerado não só um marco da pintura da Alta Renascença, mas também uma das mais famosas obras da história da arte. É considerado um dos maiores tesouros da Santa Sé.

De acordo com o documentário do canal “História”, dois nomes soavam mais altos, nessa altura, entre os favoritos à sucessão de João Paulo II. Por um lado, estava o cardeal Joseph Aloisius Ratzinger, que viria a adoptar o nome de Bento XVI, e, por outro,

estava o cardeal Carlos Maria Martini, considerado um dos mais progressistas da história da Igreja. Este último não podia ser Papa, porque sofria da doença de Parkinson, uma doença degenerativa crónica do sistema nervoso central, que afecta principalmente a coordenação motora.

Os sintomas manifestam-se de forma lenta e gradual ao longo do tempo. Na fase inicial da doença, os sintomas mais óbvios são tremores, rigidez, lentidão de movimento e dificuldade em caminhar.

Com a eliminação automática de Martini, consta do documentário, o olhar de um sector de cardeais centralizou-se sobre o cardeal argentino Jorge Mário Bergoglio, o actual Papa Francisco. As votações acontecem. Bergoglio consegue 40 votos. Ratzinger lidera a votação, mas não consegue obter os 2/3 ou 2/3+1, para se sagrar Papa.

Era necessária uma nova votação. É aqui que começa a “permuta” entre os papas. O documentário salienta que Bergólio decide renunciar e pede aos cardeais que votaram nele a passarem os votos para Ratzinger. Com este gesto de Bergólio, Ratzinger obtém os votos necessários e sagra-se Papa.

O documentário, que narra o percurso de Francisco até chegar a Papa, conta que ele decidiu ficar pelo caminho, porque sabia que jamais alcançaria a maioria dos votos. A sombra da ditadura na Argentina pairava sobre ele como um passado funesto. Uma contemporânea de Bergólio, que fala neste documentário, afirmou que ele era um candidato elegível, mas a interferência de um dossier que dizia ter colaborado com a ditadura militar atrapalhou tudo.

Antes da realização do conclave, circularam, entre vários cardeais eleitores, documentos que comprometiam Bergólio, no caso de sacerdotes jesuítas sequestrados e torturados durante a ditadura na Argentina. Estes documentos diziam que ele os tinha entregado.

Entretanto, consta do documentário que cinco anos depois, isto é, em 2010, o actual Papa é chamado para declarar como testemunha na causa dos sacerdotes.

Com a reabertura dos arquivos, novas testemunhas são convocadas no caso e contam novas histórias sobre ele e suas acções durante os anos escuros na Argentina. Essas histórias, longe de o condenar, mostraram um pastor que, em muitas ocasiões, ajudou pessoas perseguidas a fugir do país para o exílio.

Com a imagem renovada, Bergólio tem a estrada livre para voltar a concorrer ao cadeirão máximo do Vaticano. A oportunidade não tarda a chegar. Em meio às crises no Vaticano, Bento XVI decide renunciar ao papado. Bergólio concorre ao novo conclave e é eleito Papa. Fez história ao ser o primeiro jesuíta a chegar ao cargo e escolheu Francisco como o seu novo nome.

Como pode notar, caro leitor, há aqui uma grande coincidência. Bento XVI chega ao poder por intermédio de um gesto de Francisco e este último, por sua vez, chega igualmente às funções de Papa, porque Bento XVI renunciou ao Papado. É curioso, não acha?

Consulta após 75 anos

Outra curiosidade tem a ver com os documentos produzidos durante um pontificado. O documentário do canal História diz que, como regra, os Arquivos Secretos não compartilham nenhum documento referente a um Papa até 75 anos após a sua morte.

As cartas e os arquivos produzidos durante o pontificado de João Paulo II, que morreu em 2005, por exemplo, só estarão disponíveis para consultas em 2080.

Troca de nome

Quando um cardeal é eleito Papa, ele escolhe um nome para ser chamado durante o seu pontificado. O Papa Francisco, por exemplo, chama-se Jorge Mário Bergólio. Já se perguntou por que razão eles trocam de nome?

Segundo “Aleteia”, uma plataforma online de mídia social digital, disponível em oito idiomas (português, inglês, francês, espanhol, italiano, árabe, polonês e esloveno), que tem por foco conteúdo, notícias e informações voltadas ao público católico e simpatizantes, esta tradição remonta há séculos. Acredita-se que a escolha do novo nome pelo cardeal eleito pode estar motivada por vários aspectos, como, por exemplo, honrar algum dos seus predecessores.

Uma vez eleito Papa, o cardeal eleito é questionado pelo cardeal decano por que nome quer ser chamado.

Até o ano 532, narra a plataforma, todos os sucessores de São Pedro (apóstolo de Jesus Cristo, considerado o primeiro Papa), usaram seus nomes de baptismo. Além do nome, indicava-se a sua procedência: Anacleto Romano, Evaristo o Grego, Lino de Tuscia.

Entretanto, tudo mudou quando, em 31 de Dezembro de 532, um homem eleito Papa chamou-se Mercúrio.

Mercúrio era, de acordo com “Aleteia”, um nome pagão (é o nome romano do deus grego Hermes). Em função disso, o novo Sumo Pontífice teve de trocar de nome. Passou a chamar-se João II, em honra ao seu predecessor, João I, um mártir.

A partir desse momento, muitos dos seus sucessores o imitaram e começaram a trocar o nome de baptismo pelo dos Apóstolos, mártires ou outros papas.

Desde então, apenas dois papas mantiveram o seu nome de baptismo: Adriano VI e Marcelo II.

Até hoje, os nomes mais usados foram João (23), Gregório (16), Bento (16), Clemente (14), Inocêncio (13), Leão (13) e Pio (12).



GUIMARÃES SILVA | EDIÇÕES NOVEMBRO



GUIMARÃES SILVA | EDIÇÕES NOVEMBRO



CRÓNICA

A luta continua contra a Covid-19

O coronavírus infelizmente prossegue a sua invasão ao ciclo de vida do homem. Este, por seu lado, tenta a todo custo redobrar esforços com o permanente intercâmbio de informações e, acima de tudo, o recurso a medidas preventivas, como condição sine qua non para manter a espécie em pleno século XXI. Por isso, a luta continua...

Guimarães Silva

As notícias que correm o mundo, as estatísticas e quejandos dão a ver um quadro pouco abonatório. A Covid-19 chega a todos os países levando a sua carga mortífera, que não escolhe estratos sociais, sendo todos nós, por isso, vulneráveis, confinados a programas de retenção, contrariando hábitos e rotinas, como o trabalho, o lazer e modus vivendi comunitário.

O tempo é de luta contra o inimigo invisível que impende contra nós a sua vontade e domínio. O confronto, no entanto, é de todos, o que implica afastar preconceitos, sobretudo em relação a área de alcance geográfica, velocidade de actuação, condição climática e poder de destruição. Ele dá mostras que é impiedoso. A Covid-19 tem de ser contida, mais a mais, quando é ponto assente que medidas preventivas, por ora, são as melhores barreiras e estão ao alcance de todos. Cumprir-las à risca é a solução.

Cá por casa, o conhecimento das peripécias do vírus é generalizado, conquanto discursos políticos e a actualização diária de dados atingem espaços recônditos, embora subsistam interro-

gações sobre a interiorização da informação, sobretudo sobre a que tem de ver com os cuidados a ter em atenção.

Luanda, a capital com aproximadamente 7,7 milhões de habitantes, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), é o cerne de casos positivos da pandemia e, igualmente, barómetro que nos permite avaliar o quanto andamos, sobretudo nestes dias de Estado de Emergência, que visa tão somente proteger os cidadãos, um papel inequívoco do Estado, que afinal somos todos nós.

A periferia de Luanda, por sinal o espaço mais vulnerável da urbe, o que acarreta cuidados acrescidos, confina alguns compatriotas que andam a leste das informações à disposição. Os aglomerados que deviam ser evitados, porque a proximidade facilita a contaminação, insistem em manter corpo. A “invasão” às ruas continua um atropelo, o apelo à necessidade do retiro, em algumas paragens, é simplesmente negligenciado!

O conhecimento do assunto é dado adquirido, mas alguns cidadãos da cidade grande violam regras básicas; uns porque habituados a convívios, reuniões de amigos e outros caprichos do vi-

**：“Caros cidadãos, facilitem o processo, fiquem em casa”;
“Enquanto durar o Estado de Emergência, não saiam de casa”**

ver em comum.

Quando interpelados, surge o berreiro: “Então vou comer o quê?”; “Vamos sentar em casa, as crianças vão comer o quê?”; “Oh mano, a minha mesa precisa de comida”. Até gente esclarecida, no seu atropelo, grita “ficar em casa é um genocídio. A população vai comer quê”. Estes são apenas alguns discursos nocivos, que infelizmente o homem da media tem que suportar por Luanda adentro.

Cacuaco, o município piscatório

O papel pedagógico da Polícia Nacional nesta parte de Luanda tem sido exemplar, com recurso a meios móveis e de exortação em massa, e com um discurso gravado e reforçado com um amplificador de som para informação e dissuasão à população;

apelando ao regresso às residências, dando a conhecer, pontualmente, dos perigos do deambular pelas ruas sem motivo aparente.

As mensagens de dissuasão da Polícia Nacional, via amplificador de som, são bastante elucidativas: “Caros cidadãos, facilitem o processo, fiquem em casa”; “Enquanto durar o Estado de Emergência, não saiam de casa”; “A venda desordenada na via pública está proibida”; para só citar estas.

As praias estão sem o habitual movimento frenético dos banhistas, o mesmo acontece com o encerramento dos restaurantes que preenchem o espaço balnear. Os bancos acompanham o empenho, orientando os clientes a manter distância necessária de um metro ou mais na aquisição dos seus produtos. Outra nota que salta à vista prende-se com a venda aos magotes de máscaras artesanais feitas de panos de várias cores no mercado do Quicolo.

Contudo, o fluxo de gente para o mercado de peixe “mundial” em Cacuaco é sintomático, pela procura de pescado em grande escala. Revendedores deste produto dos bairros Paraíso, Pedreira, Vidrul, Boa-Esperança, Vila Sede, Ecocampo, Belo Monte;



em grande número, afluem ao mercado de peixe, conformando um aglomerado de pessoas sem precedentes.

Alguns táxistas insistem em violar recomendações sobre o número de passageiros, mas encontram a pronta resposta dos reguladores de trânsito. Em contra-mão estão igualmente os moto-táxistas que insistem em transportar passageiros contrariando as

medidas de prevenção.

Mercados de ocasião, a exemplo do localizado na pedonal azul ao lado do famoso tanque de Cacuaco, são igualmente um bico de obra; com constantes correrias das vendedoras sempre que as forças de ordem marcam presença, numa demonstração musculada, que só facilita a Covid-19, o inimigo invisível que deve ser exterminado. Abaixo o Coronavírus.